

A ETNOGRAFIA DIGITAL E O USO DE NARRATIVAS: CAMINHOS POSSÍVEIS PARA O FAZER ANTROPOLÓGICO EM TEMPOS DE PANDEMIA

GABRIELA PECANTET SIQUEIRA¹; MARTHA RODRIGUES FERREIRA²;
LOUISE PRADO ALFONSO³

¹Universidade Federal de Pelotas – gabrielapecantet@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – martharof@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – louiseturismo@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

A antropologia tem como metodologia principal a etnografia. Portanto, é a base para o desenvolvimento de pesquisa científica do grupo “Margens: grupos em processos de exclusão e suas formas de habitar Pelotas”, do Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos - GEEUR, no Departamento de Antropologia e Arqueologia, da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Nesse sentido, Roberto Cardoso de Oliveira (1996), aponta como fundamentais três momentos no trabalho etnográfico: o olhar, o ouvir e o escrever. As duas primeiras por constituírem a pesquisa empírica e o terceiro momento por ser quando o/a antropólogo/a textualiza determinada realidade sociocultural construída na relação.

Contudo, tanto os contextos sociais que são observados pelo projeto, quanto a forma utilizada para desenvolver pesquisa, foram afetados pela pandemia da Covid-19. No dia 11 de março de 2020 a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou pandemia mundial devido à celeridade com que o vírus Sars-CoV-2 (causador da doença Covid-19) se proliferou. Além disso, a OMS recomendou o distanciamento social como medida de prevenção contra a disseminação do vírus¹. Assim, a UFPEL adotou como ferramenta principal, como forma de dar continuidade às suas atividades (de ensino, pesquisa e extensão), o ambiente virtual.

O projeto de pesquisa “Margens”, bem como os três projetos de extensão a ele vinculado - “Narrativas do Passo dos Negros: Exercício de Etnografia Coletiva para Antropólogos/as em Formação”, “Terra de Santo: Patrimonialização de Terreiro em Pelotas” e o “Mapeando a Noite: O universo Travesti” - passaram a realizar seus encontros semanais de forma virtual e adaptaram suas ações e metodologias ao meio digital. O fazer etnográfico foi ressignificado e o uso de narrativas como método de análise antropológica foi essencial.

Diante o exposto, o trabalho analisa o uso da etnografia digital e das narrativas na construção de uma ação específica do projeto: a exposição digital “Patrimônios Invisibilizados: Para Além dos Casarões, Quindins e Charqueadas”, lançada no dia 18 de agosto de 2020, em parceria com a Bibliotheca Pública Pelotense, como parte das comemorações do “Dia do Patrimônio” de Pelotas. As comemorações do “Dia do Patrimônio” acontecem desde 2013 com proposta de valorizar os patrimônios da cidade. Em 2016, em sua 4ª edição, o evento recebeu o prêmio Rodrigo Melo de Franco Andrade promovido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico (IPHAN) na categoria de “Iniciativas de excelência em promoção e gestão compartilhada do patrimônio”².

¹ Segundo Folha Informativa COVID-19 da Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS). Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/covid19>>. Acesso em: 30 de agosto de 2020.

² Conforme publicado no site do IPHAN. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1327>>. Acesso em: 18 de setembro de 2020

2. METODOLOGIA

O projeto de pesquisa “Margens” se estrutura na indissociabilidade da tríade ensino, pesquisa e extensão. Assim, promove a construção de saberes com ensino e interação nos processos sociais, com a observação das dinâmicas e identificação de demandas de determinados grupos e comunidades. A pesquisa se materializa como um processo de produção de novos conhecimentos com base nas reflexões provocadas por essas experiências. Os métodos utilizados pelo projeto são o etnográfico, observações e ações participantes - com eventos, rodas de conversas, cursos, entre outros. A etnografia é realizada de forma coletiva e acontece através de processos de trocas, de escritas coletivas, partilhamentos de relatos - sejam eles pessoais ou de campo -, que se complementam, se entrelaçam e constroem pesquisas.

Além disso, se apoia na interdisciplinaridade, contando com discentes de vários cursos da UFPEL (de Antropologia, Turismo, Arquitetura e Urbanismo, Ciências Sociais, Geografia) e de outras instituições de ensino superior, tanto de graduação como de pós-graduação. Assim, promove uma interação entre estudantes de diferentes áreas, universidades e níveis acadêmicos, potencializando as possibilidades transformadoras da Universidade e outros setores da sociedade. Bem como, permite a troca de saberes entre comunidade e universidade que acontece durante os processos da extensão, fomentando uma produção científica que faz junto às comunidades, valorizando e legitimando as diferentes formas de saberes.

A exposição digital “Patrimônios Invisibilizados: Para Além dos Casarões, Quindins e Charqueadas” teve como objetivo trazer olhares sobre a cidade de Pelotas por meio de uma visão decolonial e de diminuir a distância entre a comunidade não acadêmica e acadêmica. Apesar dos obstáculos impostos pelo novo contexto gerado pela pandemia, foi possível construí-la a partir de etnografias virtuais e com o uso de narrativas. Assim, diante a necessidade de mantermos o distanciamento social o uso da etnografia digital - utilizando redes sociais como Facebook, Whatsapp, Instagram e do aplicativo Google Forms - permitiu a exploração e expansão de possibilidades do fazer etnográfico (FRAGOSO; RECUERO E AMARAL, 2011).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Todos os projetos de extensão, vinculados ao grupo Margens (“Mapeando a Noite”, “Passo dos Negros” e “Terra de Santo”) fizeram uso de narrativas para trazer os diferentes significados atribuídos ao universo simbólico patrimonial de determinados grupos e comunidades que não são considerados pelo discurso oficial da cidade³. O contato com os interlocutores/as aconteceu, principalmente, com o uso de formulários elaborados pela plataforma Google. Os projetos “Terra de Santo” e o “Mapeando a noite” elaboraram questionários de forma a fornecer um espaço onde as narrativas pudessem ser contadas de forma anônima ou não, proporcionando um ambiente seguro. O formulário produzido pelo “Terra de Santo” sob o título “Como você está se relacionando com o sagrado na quarentena?” foi pensando como forma de recebermos relatos de como o povo de Santo estava vivendo a cidade durante a quarentena e como estava conectando-se com seus sagrados. As contribuições apresentados de forma

³ Respectivamente nas abas “Além da Noite”, “Além da Baronesa”, “Além das Charqueadas” e “Além da Materialidade” no site do evento “Patrimônios Invisibilizados: Para Além dos Casarões, Quindins e Charqueadas”. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/margens>>. Acesso em: 15 de setembro de 2020.

anônima, em texto acompanhadas de imagens. O “Mapeando a Noite” produziu pela mesma plataforma questionário intitulado “Trabalho Feminino”, com o intuito de receber relatos de trabalhadoras, de todas as áreas (inclusive as que trabalham em casa de forma não remunerada), para saber como estavam vivenciando e enxergando a cidade no período da pandemia. Os relatos foram exibidos também de forma anônima e em forma de colagens digitais.

Outro formulário criado foi a “Chamada de artistas”, em que, considerando a arte como uma potencializadora de narrativas, convidou-se artistas cuja identidade de gênero, raça, etnia; e/ou pertencessem a comunidade LGBTQIA+; ou por questões de status socioeconômico e/ou histórico tenham sido sub-representados em espaços destinados às artes, a participar da exposição digital com colagens, fotos, poemas, e outras formas de expressão artística, a fim de que tivessem um espaço destinado à divulgação de seu trabalho. O projeto “Passo dos Negros” recebeu narrativas por meio de poesia - uma no formato de vídeo e duas elaboradas com imagens – tratando do racismo, religião, afetos e desigualdade social. Além disso, também foram apresentados, em áudio, narrativas dos próprios moradores do Passo dos Negros.

Nessa perspectiva, conforme Paul Ricouer (in COSTA; GUALDA, 2010) as narrativas revelaram-se como possibilidades para a compreensão do modo como as experiências humanas subjetivas são compartilhadas e de como são organizados os comportamentos, enfatizando o significado, o processo de produção de histórias como conhecimento e de multiplicidade de formas para se captar experiências. Nesse sentido, os métodos de etnografia digital e o uso de narrativas, sob a perspectiva antropológica, mostraram-se importantes para a compreensão das vivências dos grupos e comunidades com as quais o projeto de pesquisa trabalha.

O contato com as pessoas por meio virtual e as contribuições recebidas com os relatos permitiram que a Exposição se tornasse um espaço no qual se reconhecesse as diferentes formas de habitar e de fazer a cidade, valorizando patrimônios além dos doces finos, das Charqueadas ou edificações em estilo eclético do centro histórico da cidade. Ademais, valorizando as narrativas de grupos que movimentam e constroem os espaços urbanos em seus cotidianos, mas que não são considerados pelos discursos hegemônicos. Pessoas que compõem as periferias, comunidades negras, mulheres, LGBTQIA+, que lutam para ter seus bens, narrativas e referências culturais valorizadas.

Figura 1. Colagem digital apresentada na página inicial do site da Exposição.



Fonte: Site da Exposição digital. 2020.

4. CONCLUSÕES

A experiência em construir uma Exposição para o “Dia do Patrimônio” da cidade, primeiramente, nos desafiou enquanto pesquisadoras: como seria possível fazer etnografia perante a necessidade de mantermos o distanciamento social? Porém, as metodologias de etnografia virtual e o uso de narrativas permitiram a realização da pesquisa científica pelo grupo “Margens”. O alcance de grupos e de suas subjetividades possibilitaram a elaboração da exposição “Patrimônios Invisibilizados: Para Além dos Casarões, Quindins e Charqueadas”, de forma digital e colaborativa. A conciliação desses métodos com a vivência empírica, proporcionada pela extensão, nos mostrou que não há como desenvolver o “ouvir” sem se aproximar de outras experiências, o “olhar” sem desconstruir em nós mesmos/as e os discursos hegemônicos que permeiam toda a sociedade ou o “escrever” sem perceber as diferentes perspectivas que o fazer a cidade podem adquirir, pressupostos tão necessários e fundamentais para tornar-se antropólogo/a. Assim, propiciou novas formas de se pensar o fazer antropológico, de se aproximar dos/as interlocutores/as e um importante aprendizado na nossa formação como futuras antropólogas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COSTA, Gabriela M. C.; GUALDA, Dulce M. R.. Antropologia, etnografia e narrativa: caminhos que se cruzam na compreensão do processo saúde-doença. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**. Vol.17, n. 4. Rio de Janeiro, out./dez. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-5970201000040005&lng=pt&nrm=is>. Acesso em: 20 de setembro de 2020.
- FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. Métodos de pesquisa para internet. Sulina. Porto Alegre, 2011. Resenha de: GOMES, Luiz Fernando. **Impulso**. Piracicaba. Vol. 22, n.54, p. 111-116, maio/ago. 2012
- IPHAN. **Portal do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. 2016. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1327>>. Acesso em: 18 de setembro de 2020.
- Margens: Grupos em processos de exclusão e suas formas de habitar Pelotas. **Site da exposição digital “Patrimônios Invisibilizados: Para Além dos Casarões, Quindins e Charqueadas”**. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/margens/alem-da-materialidade/>>. Acesso em: 15 de setembro de 2020.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O Trabalho do Antropólogo: Olhar, Ouvir, Escrever. **Revista de Antropologia**. Vol. 39, n. 1, p. 13-37. 1996. Disponível em: <http://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/necio_turra/MINI%20CURSO%20RAFAEL%20ESTRADA/TrabalhodoAntropologo.pdf>. Acesso em: 19 de setembro de 2020.
- OPAS. Site da Organização Pan-Americana da Saúde. **Folha Informativa COVID-19**. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/covid19>>. Acesso em: 30 de agosto de 2020.